

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal

Setúbal, 2004

1

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 1
Setúbal 2004**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Ficha Técnica

Edição

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS) e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)

Direcção

Victor Borrego (Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Canova Moutinho
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redactorial

Antónia Coelho-Soares
Fátima Contramestre de Almeida
Fernanda do Vale
Germesindo Silva
João Carlos Faria
Luís Ferreira
Maria Graça da Silveira Filipe
Maria Rosa Peralta Sousa Silva
Maria Teresa Rosendo
Miguel Correia
Teresa Rosa Gomes da Cruz Silva

Secretariado e correspondência



MAEDS

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Av. Luisa Todi, 162; 2900-451 Setúbal (Portugal)
Telefs - (351) 265239365/265534029; Fax - (351) 265527678
Email - maeds@mail.telepac.pt

Capa

Fotografia inédita, de autor desconhecido, propriedade do MAEDS.
Cais da Torre do Outão, com hiato de Setúbal, 1908.

Execução gráfica

Ana Paula Covas
António Caetano de Campos Ramos
Jan van Krimpen

Impressão e acabamento

Impripal Artes Gráficas, Lda. - www.imprupal.com

Depósito Legal n.º

221991/05

ISSN

1646-0553

Tiragem

1400 exemplares

Nota de Abertura

É com inegável prazer que anuncio a publicação da revista *MUSA*, em atenção ao seu valor intrínseco, enquanto repositório de importantes artigos, originais, sobre o património cultural do Distrito de Setúbal, aqui abordado na dupla vertente da investigação e da divulgação.

Igualmente importante é o valor simbólico da *MUSA*, uma vez que revela a capacidade do Poder Autárquico da região em encontrar consensos e pontes de diálogo, ao serviço da cooperação supramunicipal.

De facto, é crescente a consciencialização colectiva sobre a necessidade de reforçar a acção intermunicipal nos domínios da cultura, do ambiente, da educação, da saúde, do turismo. Precisamente nesta lógica, se enquadra o papel da Assembleia Distrital de Setúbal e nesse âmbito a edição da presente publicação.

A revista *MUSA* é, em grande parte, suportada pelo funcionamento do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, o qual configura a primeira rede de museus de carácter regional a surgir no país e cujo exemplo espero que frutifique.

A presente publicação constitui um desafio ousado, pelo esforço e dedicação que pressupõe e congregou o entusiasmo de muitos especialistas nas questões da cultura e do património, que em boa hora elegeram o Distrito de Setúbal como campo de estudo; para eles vão as minhas saudações e agradecimento.

Desejo, igualmente, agradecer os apoios que alguns parceiros institucionais e sócio-económicos disponibilizaram para esta iniciativa e, finalmente, fazer votos para que a *MUSA* vá ao encontro dos interesses da Comunidade Distrital e a possa também inspirar.

O Presidente da Assembleia Distrital de Setúbal

Victor Borrego

Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal – FIDS

Integrado por:

- + Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal
- + Museu Municipal de Alcácer do Sal/Câmara Municipal de Alcácer do Sal
- + Museu Municipal de Alcochete/Câmara Municipal de Alcochete
- + Museus Municipais de Almada/Câmara Municipal de Almada
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal do Barreiro
- + Serviços Culturais/Câmara Municipal de Grândola
- + Departamento de Acção Sociocultural/Câmara Municipal da Moita
- + Museu Municipal de Montijo/Câmara Municipal de Montijo
- + Museu Municipal de Palmela/Câmara Municipal de Palmela
- + Museu Municipal de Santiago do Cacém/Câmara Municipal de Santiago do Cacém
- + Ecomuseu Municipal do Seixal/Câmara Municipal do Seixal
- + Museu Municipal de Sesimbra/Câmara Municipal de Sesimbra
- + Museus Municipais de Setúbal/Câmara Municipal de Setúbal
- + Museu Municipal de Sines/Câmara Municipal de Sines

Patrocínios

Administração do Porto de Sines



Fundação para a Ciência e Tecnologia



Região de Turismo de Setúbal - Costa Azul



A revista *MUSA* surge, essencialmente, em resultado da dinâmica do Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal, plataforma de debate das questões do património, abordadas a partir dos museus. Sem regulamentos prévios, deixando que a realidade concreta se espelhe na acção e oriente o rumo do FIDS, constrói-se o percurso, caminhando. Não se procura a homogeneidade, antes se aposta na diversidade, na diferença, na crítica. As vozes críticas obrigam à reflexão, mas supõem também firmes princípios de cooperação e solidariedade. Com base nas muito diversas posturas sócio-ideológicas, foi possível avançar com o presente projecto editorial de forma inclusiva, com a participação de todos os concelhos do Distrito de Setúbal, e este é o aspecto que mais valorizamos, porque mostra a capacidade que a região possui para se associar em torno de projectos de interesse comum, e particularmente de vocação cultural.

Este volume possui, evidentemente, um carácter experimental; o próximo será provavelmente melhor estruturado. Tentou-se conciliar o inconciliável, ou talvez não, quando se assumiu a publicação de originais de carácter científico, resultantes de projectos de investigação, e de textos de divulgação, acessíveis a um grande público. O propósito de servir esse vasto público interessado nas áreas do património, museologia e arqueologia, na dupla perspectiva da divulgação e da produção de novos conhecimentos, confere à revista um interesse duradouro.

A *MUSA* encontra-se organizada em várias secções, fisicamente delimitadas no corpo da revista, para melhor orientação dos leitores; a sua temática centra-se nas diversas modalidades do património cultural (procurou-se, aliás, reunir textos reveladores dessa abrangência); mostra-se aberta à colaboração de especialistas nos domínios atrás referidos; a sua geografia, de partida ou de chegada, deverá ser o Distrito de Setúbal; a base autárquica em que a revista assenta não pode, no entanto, ser confundida com autarcia e o campo geográfico de incidência da revista deve ser entendido de forma flexível; textos teóricos, sem um suporte territorial determinado, terão o melhor acolhimento.

Parece-nos razoável apostar em uma periodicidade anual. Os prazos de entrega de textos e de revisão de provas terão de ser objecto de calendarização; as normas de publicação são disponibilizadas desde já, no final deste volume. Da periodicidade da revista resulta que a agenda cultural, conforme a tínhamos pensado no início deste processo, poderá não cumprir, integralmente, os seus objectivos de informação atempada; terá pois de sofrer apreciáveis melhoramentos, destinando-se sobretudo a anunciar realizações programadas com muita antecedência e/ou à produção de reflexões e opiniões sobre eventos culturais ocorridos ou não no Distrito.

A Coordenadora Editorial

Joaquina Soares

Índice

Museus	9
Mário Canova Moutinho <i>Os Compromissos dos Museus com a Sociedade</i>	11
António Nabais <i>Museu-oficina de Artes Manuel Cargaleiro. Quinta da Fidalga (Seixal)</i>	15
João Carlos Faria <i>Alcácer do Sal: páginas de história, a história de um museu</i>	19
Elsa Afonso e Paula Costa <i>Museu Municipal de Alcochete. Um museu em desenvolvimento</i>	23
Ângela Luzia e Maria Rosa Silva <i>Almada - apontamentos para a história de uma cidade</i>	28
Germesindo Silva <i>Museu Mineiro do Lousal. Espaço de encontro e cultura</i>	40
Maria Teresa Rosendo <i>O Museu Municipal de Palmela apresenta-se</i>	44
Graça Filipe <i>Antecedentes da criação de um museu no concelho do Seixal. Das ideias e acções anteriores a 1974, à emergência de um projecto cultural e do museu municipal</i>	51
Luís Jorge Rodrigues Gonçalves <i>Museu Municipal de Sesimbra. Programa de desenvolvimento</i>	61
Antónia Coelho Soares <i>Um projecto museológico para Sines</i>	67
Joaquina Soares <i>Museu/Museus. Operacionalizar funções</i>	75

Arqueologia	81
Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares <i>Intervenção arqueológica no sítio neolítico de Brejo Redondo (Sines)</i>	83
Antónia Coelho Soares e Carlos Tavares da Silva <i>Novas oficinas de produção de preparados piscícolas na área urbana de Sines. Intervenção arqueológica na Rua Ramos da Costa</i>	111
Eurico Sepúlveda <i>Os Murrii. Oleiros tardo-italicos</i>	123
Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares e Susana Duarte <i>Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87</i>	137
Outros Patrimónios	153
T.M. Azevêdo, M. Abreu e A.M. Galopim de Carvalho <i>Uma vez mais a Pedra Furada</i>	155
Vitor Serrão <i>O mestre do retábulo da Igreja da Misericórdia de Almada (1590): O pintor Giraldo de Prado</i>	161
Vanessa de Almeida <i>Mausoléu de Alfredo da Silva</i>	176
Marisol Aires Ferreira <i>Património construído da aldeia de Melides</i>	181
Teresa Rosa Silva <i>Os recursos da Borda d'Água no contexto sócio-económico do Tejo</i>	186
Fátima Contramestre de Almeida <i>Contributo para um Guia do Arquivo Histórico Municipal de Montijo</i>	193
José Matias <i>Património molinológico do concelho de Santiago do Cacém</i>	200

Recensões, Publicações e Informações	213
Mário Varela Gomes <i>“Mais um escalpe no meu cinto”. A propósito de “Os Hipogeus Pré-Históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico”, de Joaquina Soares</i>	215
Susana Duarte <i>Ler Arqueologia e Património na biblioteca do MAEDS. Títulos inventariados em 2003</i>	219
Câmara Municipal de Alcácer do Sal	229
Câmara Municipal de Alcochete	230
Câmara Municipal de Almada	231
Câmara Municipal do Barreiro	233
Câmara Municipal de Grândola	235
Câmara Municipal da Moita	237
Câmara Municipal de Montijo	239
Câmara Municipal de Palmela	241
Câmara Municipal de Santiago do Cacém	244
Câmara Municipal do Seixal	245
Câmara Municipal de Sesimbra	249
Câmara Municipal de Setúbal	251
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal/Assembleia Distrital de Setúbal	253

Mausoléu de Alfredo da Silva

VANESSA DE ALMEIDA*

RESUMO

O mausoléu de Alfredo da Silva, obra do Arqto João Cristino da Silva e do Escultor Leopoldo de Almeida, é um monumento pouco conhecido, mas com inegável interesse patrimonial, objecto deste artigo¹. Alfredo da Silva nasceu em Lisboa em 1871 e faleceu em Sintra em 1942. Implantou no Barreiro, na 1ª metade do século XX, um dos mais importantes centros industriais do país. O seu mausoléu é, pois, um testemunho desse Barreiro industrial.

INTRODUÇÃO

«Comunicou também, o Snr. Presidente que no domingo dia vinte do corrente se procederá à trasladação dos restos mortais do saudoso Administrador Gerente, Snr. Alfredo da Silva, para o mausoléu que a Companhia mandou erigir no cemitério do Barreiro, junto à nossa fábrica de tecidos, conforme a vontade por Sua Excelência tantas vezes manifestada».²

No dia 22 de Agosto de 1942 morre, em Sintra, pelas 20h30m, Alfredo da Silva, deixando atrás de si o primeiro e maior grupo financeiro português.³

ABSTRACT

Born in Lisbon in 1871, Alfredo da Silva was the greatest portuguese industrialist of the first half of the XX th century, and it was in Barreiro that he established one, if not, the most important manufacturing group of Portugal.

He died in Sintra in 1942 and two years later, following his own will, his remains were changed from the Lisbon eastern cemetery, to the mausoleum built for that propose, placed in the Barreiro cemetery.

The execution of this mausoleum was given to two of the most important artists of that time: João Cristino da Silva architect, and Leopoldo de Almeida sculptor.

Today it's still not very well known, but the Alfredo da Silva mausoleum is, undoubtedly, an unmatched work of the Portuguese patrimony of the first half of the last century.

Sepultado no cemitério oriental de Lisboa, viria a ser trasladado para o Mausoléu erigido para o efeito no então cemitério do Barreiro, no dia 20 de Agosto de 1944.

O projecto para este Mausoléu data de 1943 e é fruto da parceria entre o arquitecto Luís Cristino da Silva e o escultor Leopoldo de Almeida. Não sabemos hoje quais as motivações que estiveram subjacentes à selecção destes dois artistas para a elaboração deste projecto por parte da Administração da CUF. Não são conhecidos quaisquer trabalhos anteriores; pelo contrário, o Mausoléu erigido no Barreiro viria a funcionar como ponto de partida para traba-

* Licenciatura em História, variante História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Frequência do Mestrado em Arte, Património e Restauro pela mesma Faculdade. Presentemente, colabora com a Câmara Municipal do Barreiro na área da História Local Contemporânea.

1 - O presente texto resultou de uma visita guiada ao património industrial barreirense, realizada no âmbito das comemorações do Dia Internacional dos Museus, em 2002. Foi publicado originalmente no número de Dezembro da revista on-line *Património*. Endereço electrónico: <http://www.patrimonio.pt>

2 - In *Acta nº 1163 da Reunião do Conselho de Administração da Companhia União Fabril, S.A.R.L.*, de 14 de Agosto de 1944, pp.13-14 do *Livro de Actas nº 16*, Arquivo CUF-SGPS-S.A..

3 - O qual abarcava: Companhia União Fabril; Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes; A Tabaqueira; José Henriques Totta, Lda.; Empresa Geral de Fomento; Companhia de Seguros Império; União Fabril Farmacêutica; União Fabril do Azoto; Empresa do Cobre de Angola; Empresa Fabril de Máquinas Eléctricas; Minas da Serra da Lousã, Lda; António Silva Gouveia, Lda. Cf. Lello, José, «Alfredo da Silva», sep. do *Boletim do Sindicato Nacional dos Comerciantes. Homenagem a Alfredo da Silva*, Ano II, nº 4, p. 24.

lhos futuros.⁴ Talvez a razão de tal selecção assente no currículo de ambos os artistas envolvidos, no posicionamento de ambos no panorama artístico nacional.⁵

MAUSOLÉU DE ALFREDO DA SILVA

Em respeito à vontade expressa em vida por Alfredo da Silva,⁶ a Companhia União Fabril mandou erigir um mausoléu no cemitério do Barreiro⁷ em homenagem ao seu fundador.

A documentação disponível informa-nos que a 7 de Maio de 1943 foi enviado pela CUF um ofício à CMB a pedir autorização para «construir no Cemitério desta vila um mausoléu destinado a sepultar os restos mortais do seu falecido Administrador-Gerente...»⁸

Em Sessão Extraordinária ocorrida a 18 de Maio do mesmo ano ficou expresso que «A Câmara, desejando prestar homenagem de muito apreço pela sua notável obra a favor da economia nacional e do desenvolvimento desta vila, resolveu autorizar a

construção do mausoléu [...]»⁹. A cedência do terreno necessário (140 metros quadrados) seria tornada pública em *Diário do Governo*, II Série, nº 146, de 25 de Junho de 1943.¹⁰

A construção teria início a 9 de Outubro de 1943, ficando concluída no dia 15 de Agosto de 1944.

Não temos hoje qualquer tipo de informação referente ao modo como decorreu o processo criativo, sobretudo no âmbito das relações estabelecidas entre os artistas por um lado e a CUF, por outro. Seria interessante saber qual a influência exercida pela Empresa no que concerne à definição dos programas (arquitectónico e escultórico). Consideramos todavia que, para os artistas envolvidos no projecto, a solução encontrada para o mausoléu de Alfredo da Silva foi positiva, na medida em a mesma voltaria a ser aplicada (pelo menos parcialmente), num futuro próximo.¹¹

No pequeno espaço de tempo que decorre entre a primeira planta (30 de Abril) e a planta seguinte (16 de Maio), verificaram-se algumas alterações no que concerne ao programa escultórico, não no âmbito do conteúdo, mas sim no tratamento dado às figuras pro-

4 - Luís Cristino da Silva viria a desenvolver, por iniciativa própria, projectos para moradias e prédios para o Bairro da CUF no Barreiro entre 1945-1951, os quais seriam preteridos pela Companhia em benefício dos de Fernando da Silva. Leopoldo de Almeida, por seu turno, seria o autor dos baixos-relevos alusivos à Medicina e à Cirurgia no átrio do Hospital da CUF (1945), assim como de um busto de Alfredo da Silva (1956-57). Cf. Rodolfo, João de Sousa, *Luís Cristino da Silva e a Arquitectura Moderna em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2002, pp. 143-147. Florentino, Maria Rachel, «Cronologia», *O Atelier de Leopoldo de Almeida* (coord. Ana Cristina Leite), Lisboa, Divisão de Museus/Departamento de Património Cultural da CML, 1998, p. 19 e 22.

5 - Luís Cristino da Silva (1896-1976) frequentou a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e a Academia de Belas Artes. Em 1919 conclui o curso de Arquitectura Civil. Viria a complementar a sua formação nas cidades de Paris e Roma. Após o seu regresso, e logo no ano de 1925, Cristino da Silva será responsável pelo projecto do Cinema Capitólio, considerado por muitos autores como o exemplo *mais mediático* da arquitectura modernista em Portugal. Sendo um dos principais nomes da primeira geração de arquitectos modernistas (a par de nomes como Carlos Ramos, Porfírio Pardal Monteiro, Cassiano Branco, Paulino Montez, Cottinelli Telmo, Jorge Segurado, Rogério de Azevedo), viria a abdicar desse movimento em nome de uma arquitectura de carácter mais nacionalista, mais concordante com os cânones promovidos pelo Estado Novo.

Leopoldo Neves de Almeida (1898-1975), em 1913 matricula-se na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, onde frequenta o Curso Especial de Escultura, o qual termina com a média de 18,2. Tal como Cristino da Silva, irá concluir a sua formação nas cidades de Paris e Roma, regressando a Portugal em 1929. Colabora com Cristino da Silva no projecto do Café Portugal, com a *Figura Alegórica de Portugal*. Seguem-se os baixos-relevos para o Cinema Éden. Leopoldo de Almeida será um dos nomes do que foi designado por António Ferro como a «Idade de Ouro» da escultura portuguesa. A sua produção irá prolongar-se até à década de 70 do século passado. Será o escultor responsável pelos principais projectos escultóricos da *Exposição do Mundo Português* (1940), a *Soberania* e o *Padrão dos Descobrimentos*, este último em parceria com Cottinelli Telmo. Irá beneficiar de uma série de encomendas, estatais e privadas.

6 - Cf. Nota 1, p.1

7 - A 5 de Dezembro de 1962 viria a ser lavrada uma escritura de compromisso entre a CMB e a CUF, através da qual a primeira se comprometia a «Ceder à Companhia União Fabril todo o terreno do Cemitério Municipal (cerca de dez mil metros quadrados), incluindo a habitação do coveiro adjacente ao mesmo terreno, logo que o mesmo se encontre totalmente desocupado, podendo ali construir o mausoléu do Industrial Alfredo da Silva, que, (...) deverá ser protegido por uma orla de seis metros de largura (...)». *Livro de Notas n.º 23 do Notário Privativo da Câmara Municipal do Barreiro*, fls. 18-23. Esta escritura seria confirmada a 26 de Maio de 1972, através de escritura referente à troca de terrenos entre as duas entidades envolvidas. Cf. *Livro de Notas n.º 30 do Notário Privativo da CMB*, fls. 62-67. Entretanto, em 1963, a CMB procede à construção de um novo cemitério e ao levantamento do antigo, permanecendo no local apenas o Mausoléu de Alfredo da Silva.

8 - Cf. Proc. N.º 1358, ano de 1943. Arquivo CMB.

9 - Cf. «Acta de sessão extraordinária», *Livro de Actas do Conselho Municipal*, n.º 2, 18 de Maio de 1943. Arquivo CMB.

10 - Cf. Proc. N.º 1358. Arquivo CMB.

11 - Cf. Rodolfo, João, *Op. Cit.*, pp.228-230. Referimo-nos ao primeiro projecto (1950-1952) apresentado para o *Monumento Heróis da Ocupação do Ultramar Português*, destinado à Praça do Areeiro.

priamente ditas. Não sabendo quais as razões que estiveram subjacentes a estas mudanças, ainda assim consideramos que a disposição apresentada na planta de Maio (a qual viria a ser passada *a pedra*) é mais coerente e definida.

No plano arquitectónico, o monumento a Alfredo da Silva foi erigido sobre uma base de alvenaria, em forma de círculo, a qual será limitada no espaço mediante dois semi-círculos, um voltado a Norte, outro voltado a Sul. No centro da base de alvenaria, à qual se tem acesso por uma escadaria, inscreve-se a pirâmide (pilone), a qual cumpre a função de capela mortuária. À semelhança dos semi-círculos, a pirâmide foi construída em granito. O acesso ao interior é feito através de uma porta de dois batentes construída em bronze, à qual corresponde, no lado oposto (lado Sul), uma fresta em forma de cruz. O envasamento no qual se inscreve o monumento é rematado por dois plintos, decorados com os baixos-relevos de Leopoldo de Almeida, recebendo no cimo duas taças, também em bronze, para incenso.



Fig. 1 - Vista de conjunto do mausoléu de Alfredo da Silva.

Sobre a pirâmide, assente em quatro leões, uma urna simbólica, tudo construído em granito. A porta que dá acesso ao interior é encimada por uma cruz e por uma coroa de louros em bronze. Posteriormente, viria a ser colocado ao lado da porta o símbolo da CUF construído no mesmo material. Sem data, apresenta a seguinte inscrição: «*Homenagem dos empregados da CUF e empresas associadas*».

O simbolismo do projecto de arquitectura reside essencialmente no recurso à urna simbólica e aos suportes respectivos, assim como à coroa de louros a encimar a entrada.

Os quatro leões, símbolos por excelência do Poder, da Sabedoria e da Justiça,¹² são uma clara alusão à figura de Alfredo da Silva. O plano elevado em que se inscreve o mausoléu face ao meio circundante, como que remete para a presença sempre constante do *Patrão* a zelar pelos interesses das fábricas e dos seus trabalhadores, tal como havia feito em vida.

A coroa de louros funcionará então como o retribuir desta atitude, ou seja, como uma *perpétua homenagem dos operários ao Patrão*,¹³ aquele que em vida havia garantido a subsistência de todos eles, criador que havia sido de inúmeros postos de trabalho, durante mais de trinta anos.

Esta ideia de *perpétua homenagem* será reforçada através dos baixos-relevos de Leopoldo de Almeida. Até porque estes podem, *devem* ser interpretados de modo mais abrangente, já que não são *apenas* alusivos aos trabalhadores da CUF, mas antes representativos de até onde o espírito empreendedor de Alfredo da Silva havia chegado e, em última instância, permitido.

Símbolos da Indústria, Agricultura e Pesca,¹⁴ os baixos-relevos como que ilustram o contributo da acção desenvolvida por Alfredo da Silva para o

12 - Cf. Chevalier, Jean, Gheerbrant Alain, *Dicionário de Símbolos*, Lisboa, Editorial Teorema, s.d., p. 401.

13 - Esta ideia virá a ser posteriormente expressa no projecto do *Monumento aos Heróis da Ocupação do Ultramar Português*, em cuja memória descritiva Cristino irá escrever que a coroa de louros simbolizava a «perpétua homenagem da Pátria aos seus Heróis». Cf. Rodolfo, João, *Op. Cit.*, p. 228. Embora seja uma clara adaptação levada a cabo por nós, consideramos que esta foi a ideia que esteve também subjacente no Mausoléu de Alfredo da Silva.

14 - Cf. *Memória Descritiva do Mausoléu do Exmo. Sr. Alfredo da Silva, que a Companhia União Fabril pretende edificar no Cemitério Municipal do Barreiro*. Proc. nº 1358. Arquivo CMB. Nesta, apenas vêm mencionadas as duas primeiras actividades mas, e segundo pudemos observar, no baixo-relevo do lado direito, a pesca aparece também representada, embora com menor peso dentro do programa escultórico, já que se trata de uma única figura (masculina e inscrita no plano superior) no baixo-relevo que funciona como clara alusão à indústria. Convém salientar que as fábricas da CUF eram ainda responsáveis pela produção de azeite e de óleos alimentares (fundamentais para a indústria de conservas), existindo também uma cordoaria, responsável entre outros aspectos pelo fabrico de cordas utilizadas na actividade piscatória.

desenvolvimento nacional nas suas mais variadas vertentes económicas.

Ambos os baixos-relevos apresentam a mesma tipologia, ou seja, dois planos, um superior e outro inferior. As personagens do plano inferior encontram-se todas elas ajoelhadas, enquanto que as do plano superior permanecem de pé. O baixo-relevo do lado esquerdo apresenta uma variante, já que nele aparece representada uma sétima personagem (no lado direito apenas seis), ainda para mais uma criança, numa provável alusão à Maternidade, um dos valores mais caros à ideologia de então. Ponto em comum em ambos é o facto de todos os olhares estarem dirigidos para a mesma direcção, isto é, para o interior da pirâmide, onde repousam os restos mortais do Industrial.



Fig. 2 - Baixo relevo que enquadra o mausoléu, do lado esquerdo.

O baixo-relevo esquerdo, além da alusão à Maternidade já anteriormente mencionada, representa uma cena agrícola, onde os trabalhadores aparecem em pleno momento da ceifa, ilustrando a importância da CUF para o desenvolvimento agrícola do País, através do abastecimento de adubos químicos.

O baixo-relevo situado do lado direito apresenta uma cena de carácter industrial, com os trabalhadores representados a empunhar os mais variados ins-

trumentos de trabalho. Não podemos esquecer que Alfredo da Silva era, aquando da sua morte, o detentor do maior complexo industrial do País, sendo que só nas fábricas do Barreiro tinha sob a sua direcção milhares de operários.



Fig. 3 - Baixo relevo que enquadra o mausoléu, do lado direito.

Compreender a mensagem subjacente implica, sobretudo, atentar no modo como foram trabalhadas as treze figuras representadas. Mais do que a monumentalidade dos volumes (característica da estatuariedade da época), interessa sublinhar a riqueza psicológica das mesmas já que, e contrariamente a muitas das esculturas de Leopoldo de Almeida e, de um modo geral, das esculturas de então, estas transmitem *pensamento*, numa palavra, elas *sentem*. E este *sentimento*, Leopoldo conseguiu expressá-lo não apenas através da expressão facial mas também, e sobretudo, através da expressão corporal.

Todas elas são representadas em atitude de homenagem perante Alfredo da Silva, não apenas as figuras do plano inferior, representadas ajoelhadas, como também as do plano superior que, mesmo permanecendo de pé, mantêm uma atitude de recolhimento, de humildade, como se o *Patrão* ainda estivesse presente, vivo, no local para onde todos os olhares se voltam. *E está*. Pois como se pode ler «*Alfredo da Silva repousa junto da obra que criou e vela pela sua continuidade*».



Fig. 4 - Parte superior do mausoléu.

INTERVENÇÕES POSTERIORES

Em 1963, como já tivemos ocasião de mencionar, a Câmara Municipal do Barreiro procede à remoção do Cemitério Municipal. No local passa a ficar unicamente o mausoléu do grande industrial, inserido na realidade fabril pela implantação da qual o mesmo havia sido responsável.

Oito anos depois, em 1971, por ocasião das co-

memorações do Centenário de Alfredo da Silva, a autarquia barreirense manda erigir um enquadramento arquitectónico para o monumento funerário, dotando-o de uma maior monumentalidade.¹⁵

Já no passado ano de 2002, a Quimiparque¹⁶ promoveu uma importante acção de conservação e restauro do mausoléu. Convém sublinhar que este, estando desde sempre inserido numa realidade fabril de actividade intensa (convém ter presente que a CUF era um verdadeiro complexo fabril, um dos maiores a nível nacional), foi inevitavelmente sujeito a níveis de poluição extremamente elevados, o que vinha a contribuir de forma notória para a deterioração rápida do monumento.

Esta acção de restauro foi confiada a uma equipa de especialistas na área, dirigida por Emília de Almeida, técnica de conservação e restauro de obras de arte em pedra e professora da Escola Profissional de Recuperação do Património em Sintra.

Após a intervenção, extremamente bem sucedida, o mausoléu de Alfredo da Silva reencontrou a sua dignidade original. Dignidade merecida, apesar de continuar, ainda hoje, a ser um monumento pouco conhecido e raramente mencionado.

15 - Como curiosidade, por ocasião destas mesmas comemorações, a CUF distribuiu medalhas evocativas de Alfredo da Silva, cujo busto aparece representado num dos lados, da autoria do escultor Leopoldo de Almeida.

16 - O conglomerado empresarial da Companhia União Fabril, SARL, comunmente conhecida como CUF, nacionalizada após o 25 de Abril e extinta quando da criação da Quimigal, foi alvo de sucessivas “remodelações”. Actualmente, do complexo fabril implantado no Barreiro por Alfredo da Silva e, após a morte deste, dirigido sucessivamente por D. Manuel de Mello e por Jorge de Mello, respectivamente genro e neto, só já restam, naquela localização, actividades industriais remodeladas (óleos alimentares, rações para a alimentação animal) ou essencialmente posteriores ao fundador (como os adubos azotados, as fibras sintéticas e os intermediários químicos), conduzidas por diferentes empresas e inseridas em vários grupos empresariais. De facto, as sucessivas remodelações referidas implicaram também profundas alterações de nomes e de organização empresarial. O Mausoléu de Alfredo da Silva é hoje parte do património imobiliário da Quimiparque Parques Empresariais, S.A., empresa na esfera empresarial da Parpública e, portanto, sob controle accionista do Estado. Em 1997, a privatização da Quimigal trouxe-a ao controle accionista pela Quimigest, sociedade que posteriormente alterou a sua designação para CUF- Companhia União Fabril, SGPS, S.A. e é a sub-“holding” para a indústria química do Grupo José de Mello, liderado por José Manuel de Mello – um outro dos netos de Alfredo da Silva.